

# O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: J. A. SILVA COELHO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 81757

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:  
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

**E'** já no próximo dia 5 de Dezembro, que se realiza a grande festa de homenagem ao nosso ilustre colaborador e grande amigo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alfredo Gameiro.

A distinta Direcção do Belém Clube, acedeu muito gentilmente ao pedido que lhe fizemos e assim, o festival será efectuado no seu magnifico Salão-Teatro. Também o brilhante grupo dramático desta colectividade tomará parte, assim como alguns amadores do conceituado Ajuda-Clube, na homenagem a prestar ao querido amigo.

O livro de versos da autoria do homenageado, e que nessa noite vai ser entregue, é prefaciado pelo ilustre poeta e grande homem de teatro e também nosso colaborador, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Coronel Cardoso dos Santos.

Na próxima semana, será distribuído o programa do festival, assim como os bilhetes de convite.

**ENCONTRA-SE** gravemente enfermo o nosso bom amiguinho Manuel Feijão, filho da Sr.<sup>a</sup> D. Eduarda Feijão e do nosso querido e saudoso amigo Vicente Feijão, há pouco falecido.

Todos que neste jornal trabalham, fazem votos pelo restabelecimento do enfermo, ao mesmo tempo que apresentam a sua extremosa mãe, respeitosos cumprimentos.

**A** BRE na próxima segunda-feira, na Calçada da Ajuda n.º 189 e 193, um novo estabelecimento de fazendas, modas e retrozeiro, com secção de artigos para electricidade, o nosso amigo sr. Américo Heitor Dias

Ao novo comerciante desejamos as maiores prosperidades.

**E** STA convocada para o dia 12 do próximo mês, pelas 21 horas, a Assembleia Geral da Associação de Socorros Mutuos «Aliança Operária» para eleição dos corpos gerentes que hão-de gerir os destinos da importante colectividade, em 1937.

## A nossa posição

E' grave o momento em que os países da Europa atravessam, e tão grave e perturbadora a agitação nos espíritos, que não falta quem proclame a necessidade de todos os homens, tôdas as colectividades, todos os organismos, e muito particularmente tôda a imprensa, marcarem definitiva e decididamente a sua posição.

O *Comércio da Ajuda* considera-se o mais pobre, mais humilde, mais modesto de quantos jornais se publicam no nosso país, mas a conduta que traçou no seu programa, o fim elevado e digno a que se propôs, jamais, durante os seis anos da sua existência, foi falseado ou traído.

Criado para a defesa dos interesses do povo da Ajuda, com o utilissimo intuito de apontar as deficiências de que o bairro sofre e solicitar das entidades officiais o remédio para os males de que os seus habitantes padecem, tem sido um batalhador estrénuo sem desfalecimentos, um enérgico campeão sem bravatas nem desmandos.

E' possível que alguma vez a razão e a justiça de que se julgue possuído o tenha arrastado a qualquer frase mais acre ou ousada; nunca porém a lançou a público no sentido de agravar ou melindrar quem quer que fôsse.

Orgulha-se o pequeno jornal por ver que a sua voz débil, mas sempre cheia de dignidade, tem por vezes sido escutada e atendida as reclamações insertas nas suas colunas, dando-lhe este facto a convicção de que cumpre honesta e honradamente o fim que tiveram em vista os que, com invulgar desinteresse, iniciaram a sua publicação.

Sempre que se trate de obter uma melhoria ou reclamar um benefício para o nosso bairro — dissemos no nosso primeiro número — todos aqui têm lugar, sem inquirirmos dos seus princípios nem lhes exigirmos profissões de fé; e neste acolhimento sem distincções, neste respeito pelo pensamento alheio temos nós achado o respeito — mais ainda — a veneração de quantos apreciam com justiça o nosso abnegado esforço em prol deste bairro por tantos anos votado a um cruel abandono.

(Conclue na página 8)

## Foto-Cinema

RETRATOS DE ARTE  
PREÇOS POPULARES

As mais sugestivas posições e deslumbrantes efeitos de luz, dentro e fora do atelier

A mais rigorosa execução de todo o género de fotografia

Ampliações de retratos antigos e modernos e esmaltes vitrificados em tôdas as côres.  
6 FOTOGRAFIAS, FORMATO PARISIENSE, 10\$00 RECLAME - 1 CINEFILO 18x24, 5\$00.  
RETRATOS PARA PASSE E OUTROS DOCUMENTOS, Duzia, com brinde, 5\$00  
Grande orlido de molduras em todos os formatos. Oferta de uma artistica a aplicação, em côres naturais, aos nossos clientes

Só na FOTO CINEMA, Rua do Sacramento, 26, 1.º

EXECUTAM-SE TRABALHOS PARA AMADORES

**N**O florescente Ajuda-Clube, realiza-se amanhã um Baile, abrilhantado por uma magnifica orquestra, e dedicado ás suas gentis frequentadoras. Além doutras surpresas, realizar-se-há um interessante concurso, entre toda a assistência, sendo entregues aos vencedores artisticos e valiosos brindes.

Sabemos estar a Direcção do simpático Clube, empenhada na realização dum grande festival, a realizar em princípios do próximo mês de Dezembro.

**S**ÃO curiosas as conclusões a que chegou o publicista Adam Holzapfel, sobre o modo de escrever, como tradução do temperamento do dactilógrafo. Os interessados poderão dizer se assim é ou não:

Descuido na pontuação — irresponsabilidade, falta de sentimento do dever.

Bater equivocadamente nas letras vizinhas — falta de sentido das particularidades.

Emprêgo inútil de abreviaturas — pouco sentido das distâncias; falta de discrição.

Omissões do espaço entre as palavras — incapacidade para pensar com clareza.

Espaços excessivos entre as palavras — prudência demasiada.

Omissão frequente de letras — escassa memória; método apressado de trabalho.

Letras sujas — falta de delicadeza, sensualidade.

Sublinhado frequente — entusiasmo excessivo; adoração de si próprio.

Espaço estreito entre as linhas — economia levada até a avareza.

Golpe débil no teclado — falta de energia; temperamento pneumático.

Golpe forte — energia, vontade, temperamento ardente.

Golpe irregular — mau humor, tristeza.

**F**OI nomeado administrador do Cemitério da Ajuda, tendo tomado posse no dia 14, o Sr. Carlos Alberto Gil.



## Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

### VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

## ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>



### PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: R. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE 81520

## DE VEZ EM QUANDO . . .

Quando, há cerca de dois meses, vimos que estavam sendo reparados alguns arruamentos do Bairro Novo, julgámos que tinha chegado a vez à Travessa da Boa Hora, tanto mais que os empregados da Câmara estavam ali bem próximos.

Enganámo-nos, porém, porque a antiga rua das Piteiras, uma das artérias mais concorridas da nossa freguesia, continua a merecer a indiferença do Município e as justas reclamações dos nossos paroquianos.

Vamos entrar nas estações das chuvas, e é mais um ano de martírio para aqueles que são coagidos a utilizar a Travessa, sem que, apesar dos nossos constantes pedidos, haja alguma alma caridosa que faça cessar tal estado de cousas.

Era já tempo de vermos introduzidos no bairro alguns dos melhoramentos que êle necessita, e que o nosso jornal tem indicado a quem de direito.

A indiferença, porém, mantém-se e manter-se-á, até que os ajudenses se compenbrem de que não é apregoando bairrismo . . . de bôca ás esquinas que os seus desejos serão satisfeitos.

Nota-se, entre os habitantes do bairro, um desprendimento completo por tudo quanto ao mesmo interessa, o que só denota indolência, para lhe não darmos outro nome que, apesar de mais apropriado, implicaria talvez um incompreensionalismo de difícil desvanecimento. A inactividade, no tocante ao melhoramento bairrista, parece ser o apanágio da gente ajudense.

Com mágua temos constatado que os comerciantes da freguesia, aqueles que deviam pugnar para a efectivação de certos melhoramentos, se conservam estacionários, silenciosos, sem acção, de modo que quasi nos achamos isolados nesta luta suasória para o engrandecimento dum bairro de trinta mil almas que, devido ao indiferen-

tismo, quer dos poderes públicos, quer dos seus paroquianos, ocupa ainda um lugar na retaguarda dos demais bairros alfacinhas.

Mas também, para que os melhoramentos sejam introduzidos, embora aos poucos, é necessário que as entidades oficiais da freguesia olhem melhor para isto, porque isto é, nada mais, nada menos, do que trinta mil habitantes que, pertencendo a uma cidade que se diz civilizada, e já que têm deveres, têm também o direito de ver a sua terra engrandecida.

E o amor a isto, é o que não vemos por parte das Ex.<sup>mas</sup> entidades oficiais da Ajuda.

NENIU.

## Mário Sampayo Ribeiro

Em resultado duma queda quando subia para um carro electrico, tem permanecido em casa, o nosso prezado amigo e brilhante colaborador Ex.<sup>mo</sup> Sr. Mário Sampayo Ribeiro, por cujo restabelecimento fazemos ardentes votos.

## Moveis, Estofos e Decorações

Não basta adquirir mobília,

é sempre preciso bom gosto

ESPECIALIDADE DA CASA

## Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Provincia

Rua de Belém, 80 e 82

TELEFONE 81237

LISBOA

## A 1.<sup>a</sup> festa artística da Orquestra "Kcitanul"

E' já no próximo dia 30 d'este mês que se realiza a 1.<sup>a</sup> festa artística da orquestra «Kcitanul», valoroso agrupamento musical dirigido pelo nável maestro Fernando de Sampaio Ribeiro.

Auguramos que a ampla sala do Belém-Jardim será pequena nessa noite para comportar todos os apreciadores de um bom espectáculo como êste.

Na 1.<sup>a</sup> parte exhibir-se-ão, além de um interessante documentário, os filmes «Política... de Cueiros» com Shirley Temple, e «Kermesse Heroica».

A 2.<sup>a</sup> parte será preenchida por trechos de música clássica, tendo os espectadores ocasião de ouvir, pela primeira vez, a «Orquestra Belenense» iniciativa do nosso prezado colega «Ecos de Belém», que executará as seguintes músicas: *Minueto*, de Beethoven; *Concertino*, de O. Rieding; *Canção de uma noite*, de B. Monteiro; *Marta*, de F. Flotow; *Egmont*, de Beethoven e *Marcha de Homenagem*, de Mario de Sampaio Ribeiro.

Seguir-se-á a 3.<sup>a</sup> parte, que constará de baile, abrilhantado pela orquestra Kcitanul, até às 5 horas da manhã.

Quando não bastasse o excelente programa organizado pela orquestra em festa para atrair ao elegante Cinema da Rua Bartolomeu Dias o que de melhor existe no parte occidental de Lisboa, a estreia da «Orquestra Belenense», seria garantia de que a noite de 30, terá poucas iguais nesta parte da capital.

Atendendo a que o dia seguinte ao da festa é um feriado nacional, esperamos que a mesma tenha farta concorrência, para o que fazemos sinceros votos.

A requisição de bilhetes poderá fazer-se na redacção do nosso colega «Ecos de Belém», Praça Afonso de Albuquerque, 5.

## LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>

Travessa da Boa-Hora 22 e 24 — Telefone 81427

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mesa

LICORE E TABACO

## Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de ferragens para fornos de padarias, do mais moderno sistema e fogões em todos os generos

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. 81496



## DESPORTOS

A caneta  
preferida  
no mundo  
inteiro

**CONKLIN**

**Por 5\$00**

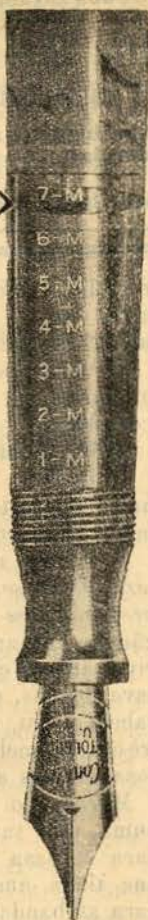
semanais, com  
bónus, podereis  
obter uma excelente  
caneta com  
garantia eterna

**Conklin**

na  
Gráfica Ajudense, L. da  
C. da Ajuda, 176 - Telef. 81 757

**AJOUR TURCO**

executado pelo mais moderno mecanismo  
Máxima perfeição  
Rua das Mercês, 84, 2.º - LISBOA



**Tudo ao contrário... - A Divisão de Honra e a I Divisão**

Ironia do destino ou simples caso — de todas as vezes que aqui, nesta secção, se louva, se destaca ou se prognostica qualquer resultado desportivo, é garantido que imediatamente as cousas correrão ao contrário, opondo assim uma negativa irónica ao bom desejo manifestado...

Inútil será ir relembrar factos comprovativos do que fica escrito; basta, por esta vez, transcrever o que publicámos no último número de *O Comércio da Ajuda*.

«Apenas um se tem salvado e de maneira que faz pressupor que vitoriosamente chegará ao fim do campeonato: é o Sporting. Concedemos em que o *score* de 15-0 em três jogos revela notável poder ofensivo — e também defensivo!»

E mais adiante:

«...E as cousas não se apresentam muito brilhantes para os vermelhos».

Pois, senhores, quem nos havia de dizer que tudo se passaria ao contrário do que previmos?

Assim, o Sporting tropeçou no Belenenses, primeiro, e no Carcavelinhos, em seguida, e em ambos os jogos pelo *score* de 2-1, o que não abona muito o poder ofensivo da linha de ataque nem o defensivo das suas linhas atrazadas... E, pelo que diz respeito ao Bemfica, «as cousas não se lhe apresentam agora com pouco brilho», pois aos seus adversários dos dois últimos jogos (o Carcavelinhos e o Casa Pia) aplicou catastróficos *scores* — 6-0 e 7-0, respectivamente — o que representa subida de valor e aumento da confiança do *team*...

Nos restantes jogos, o Barreirense derrotou o Casa Pia por 2-1 — e o Casa Pia está definitivamente colocado

no último lugar da classificação — e o Belenenses fez 3-0 contra o Barreirense.

Actualmente temos a tabela nssim estabelecida:

Bemfica . . . . .	14 pontos
Carcavelinhos . . . . .	14 »
Belenenses . . . . .	13 »
Sporting . . . . .	13 »
Barreirense . . . . .	11 »
Casa Pia . . . . .	7 »

Jogam amanhã: Bemfica contra Sporting, Belenenses contra Casa Pia e Carcavelinhos contra Barreirense.

**A I Divisão**

O União parece querer entrar agora no bom caminho, e, assim, bateu o Operário por 1-0 e o Sacavenense por 6-1.

O Chelas, cujo comportamento vinha sendo interessante, depois de bater o Marvilense por 4-0 viu-se derrotado pelo Operário por 2-0. As suas aspirações ficam um tanto comprometidas...

O Avenidas empatou com o Sacavenense (0-0) e venceu o Marvilense por 2-1.

A respectiva escala de classificação é a seguinte:

União . . . . .	13 pontos
Operário . . . . .	12 »
Chelas . . . . .	11 »
Sacavenense . . . . .	11 »
Avenidas . . . . .	8 »
Marvilense . . . . .	5 »

Lívio Ventura.

Este número foi visado  
pela Comissão de Censura

**VINHOS DE CHELEIROS**



MARCA: RESINAS

Os bons vinhos desta região, encontram-se à venda nos seguintes estabelecimentos:

Rua do Cruzeiro, 109 117	Calçada da Ajuda, 95 97
Rua da Junqueira, 293 B-293 D	Calçada da Ajuda, 154-156
Rua Leão de Oliveira, 36 38	Calçada da Ajuda, 212-216
Largo 20 de Abril (Calvario), 1	Calçada da Tapada, 47-53

Armazem de Revenda:

1, Travessa da Ferrugenta, 3

Telefone 81 551

LISBOA

**AGENCIA MIGUEIS**

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 - LISBOA  
TELEFONE 81 367

**Ceramica de Arcolena**

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artísticas  
Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

**José Vicente d'Oliveira & C.ª (F.º)**

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 - LISBOA  
TELEFONE BELEM 81056



Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

# FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. 81551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. 81552 (antiga Merceria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita a aqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, o que o seu proprietário agradece

## Gráfica Ajudense

TIPOGRAFIA  
PAPELARIA  
com secções de  
Tabacaria  
Perfumaria  
Livreria  
Artigos escolares

Calçada da Ajuda, 176  
TELEF. 81757

## LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS  
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA  
Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

## ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>

Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183  
LISBOA

GENÉROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE  
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

### CRÓNICA

## DUAS PÁGINAS DO MEU CADERNO

O comboio, numa marcha vertiginosa, levou-me, há anos, de abatida a formosas terras do Minho. Viagem inesquecível, de fortes pinceladas de beleza, os meus olhos dilataram-se de entusiasmo e emoção, diante das fulgurantes apoteoses que os cenários campestres apresentavam: Dir-se-ia que a Natureza, fonte inexgotável de sublimes obras, primava pelo deslumbramento. Nas profundezas dum vale, jardim de verdura, oceano em tardes de calma, fica um lugarejo de casinhas alvas, bem caiadas. É uma aldeia interessante, ainda mal descoberta e que, apesar de disfarçar uma situação privilegiada, nunca ouviu ostrugir por lá o ócio palavreado do falso turismo. Aquela terra, do dois palmos e meia duzia de habitantes é uma parcela da minha pátria; e a ela prendem-me laços de indissolúvel amizade e fraternal camaradagem. Naquela gente rude, de rostos suados e mãos endurecidas pelos árduos trabalhos do campo, encontro sempre almas generosas de sentimentos indestrutíveis — raridade nos agitados dias que vão correndo. Gostava até, francamente, de lá ter nascido; de ter sido batizado na humilde capelinha que ali foi edificada, em tempos áureos

de glória da gente lusa; de ter passado a minha infância a brincar debaixo das sombras protectoras dos algarabados castanheiros, a ouvir o trinar melodioso das avezinhas; de ver, manhã cedo, muito cedinho, o despontar do sol, das alturas do céu azulado... Mas... eu vos conto, um caso passado nesta encantadora terreola, que me encheu a alma de tristeza.

O tio Ventura, era um bom velhote um pouco curvado ao péso dos anos e que vivia menos mal dos ganhos do seu moínho. Todos os dias, ao amanhecer, lá ia ele, barrete na cabeça, um varapau na mão, atrás do seu burrico, levar à vila o produto do seu trabalho: a farinha.

Sempre contente, alegre, cantava qualquer canção predilecta dos seus tempos saudosos de rapaz... — O tio Ventura, venha cá «matar o bicho!» convidava alguém.

E ele aceitava prontamente, com um sorriso a bailar-lhe nos grossos lábios, enfiando para a baúça a esvastrar dum trago um clice da rija... Mas um dia o tio Ventura bebera de mais. A cabeça pesava-lhe como o chumbo e as pernas vergavam com os tombos do corpo. Chovera toda a noite e o barro do chão estava escor-

regadio. O bom velhote sentia a vista a tremer e a terra a andar à roda... um pé em falso e zaz... — Desanda por uma ribanceira e vem afogar-se, cá em baixo, na lagoa que corria...

Pobre homem!

A Rosinha era filha do tio Ventura, único conforto moral que prendia o infeliz moleiro a esta vida.

Era uma rapariga fadada pela beleza. Dizia-se, mesmo, não haver nas proximidades cara tão bonita e elegância tão arrebatadora. Era muito viva, alta, a cintura estreita, os olhos esverdeados, doces, meigos, ternos; o cabelo loiro como o trigo, a boca fresca, vermelha, pequena como uma rosa prestes a desabrochar...

Morrera o pai, e ela amarfanhada numa dôr tamanha, foi aos roldões para a casa dum parente afastado, que tinha uma enegrecida taberna lá para as bandas da cidade. Do moínho quasi sécular, as demandas e os credores acabaram por destruí-lo. E numa noite de escuro temporal, a fúria dos elementos fê-lo desabar por completo. Da Rosinha, eu soube que, nessa mesma noite que o moínho ficara reduzido a um montão de destroços, ela fugira de casa com um doidivanças que lhe conseguira roubar o coração virginal.

Eu estimava tanto, tanto, a Rosinha, que não havia tarde alguma que não fosse junto dela dar-lhe dois dedos de

2\$50 é o preço que a Gráfica Ajudense Ltd. vende uma caixa de optimo papel para carta, com 50 folhas e 50 envelopes, forrados interiormente.

Verdade e chinchal

## Horas vividas...

### Escuta, cego e descrente!

A minha alma amachucada pela Dôr cruel dum Sonho que tende a desfazer-se, diz-me baixinho, em segredo, palavras de desânimo e de censura, contra as quais, apesar da opção tenaz de toda a força do meu «querer» subjogado, por momentos, pela realidade mais amarga, nada mais tenho a dizer de que sou ainda muito jovem para conhecer, se não bem, pelo menos razoavelmente, os homens — todos os egoístas demolidores dum Civilização, que não aquela que eles apreçoam, n'fatos de tanta baixaria!

— Que esperas tu, visionário, obter dos homens? Que quiméricos desejos são esses, com os quais pretendes modificar o que o Tempo melhor do que tu e Deus melhor do que ninguém, ainda não conseguiu?

— Sim! Serei visionário, rebuscador impenitente da Justiça e do Altruismo, mas revolto-me perante a tua íntima e procuro demonstrar a mim próprio que me engano; fujo às garras avassaladoras dum monstro que me tenta arditosamente — o Scepticismo —; rasgo com o bisturi da minha Sensibilidade todas as pseudo-personalidades que se me deparam;

caminho abraçado, com sofreguidão, às minhas mais firmes e maravilhosas crenças; domino as tempestades brutais que me assolam; afugento energeticamente os tormentos que me buscam e, firme nos meus objectivos, sempre claros, porque sei o que pretendo e onde quero elevar a minha alma, não arredo um passo sequer do caminho que tracei para bem do meu espírito, chegando à conclusão simultaneamente satisfatória e dolorosa.

— Satisfatória porque sou muito melhor do que tu, embora sem atingir a craveira do Suficiente e dolorosa porque continuas a buscar, para satisfação das tuas taras ou dos teus instintos selváticos, o sangue, o horrôr, as trevas e não o Amor, o Belo, a Luz e a Verdade; dolorosa porque a tua alma se não revolta perante o teu descalabro; o teu cérebro não atinge as delícias maravilhosas dum vida socgada e quasi perfeita; dolorosa porque os teus olhos cegos não sei porque extranhas miragens, sempre enganadoras, nada mais abrangem do que a Podridão e as fibras do teu ser vibram só ao contacto dum carne veludosa e fremente de luxúria; dolorosa enfim, porque trocas o espírito perfeito dum mulher pelo corpo escultural dum outra, vasia de qualquer sentimento bom; dolorosa, numa palavra, porque todo tu és trevas e baixosa, apesar de todos os meus esforços no sentido de te aperfeiçoar!

Se reconheces, porventura, a enormidade das tuas vilanias; se, após a exaltação, ao teu caminhar tortuoso, reconheces que és mau, se reconheces que tens o amor dum Mãi perfeita e dum Espôsa amantíssima que te querem com o maior e mais acrisolado desinteresse e te perdoam, com carinho, abrindo-te os olhos, demonstrando-te também os erros que praticas, constante e incessantemente, porque não melhoras a tua vida degradante, porque não aniquilas o Egoísmo que te esmaga como cordas infernais que se enlascassem em volta da tua garganta, oferecendo a ti próprio a suprema consolação dum regeneração recebida com as maiores manifestações de regosijo, com lágrimas de felicidade, por aqueles que te querem, tua Mãi e tua Espôsa, que ainda têm nos corações bondosos, suficiente amor para tudo te perdoar?

Porque lhes não dás, egoísta feroz, o prazer mais incomensurável de assistir à tua regeneração?

Todas estas minhas palavras, acredita, não obedecem a um outro fio que não seja o querer-te igual a mim: — minúsculo discípulo de Cristo, num século em que a filosofia cristã é renegada, é chicoteada pelos maiores criminosos de todos os tempos!

E por isso, procuro que tu, cego e descrente, reajas contra os domínios dos monstros que te apouquentam!

A minha alma insatisfeita murmura-me baixinho, em segredo, palavras de desânimo e censura: — de des-

NÃO havia habitante do lugar que o não soubesse, e o que é mais ainda, que todos os dias o não lançasse em rosto do infeliz. E conquanto doa o confessá-lo, é forçoso convir em que a fama de criatura desprezível, inútil e borraçhão, de que o Hilário gozava, era justa e bem ganha.

— É, afinal, porquê? — dizia ele com uma espécie de cínico orgulho. — Devo alguma coisa ao taberneiro?

Era de saber que sim, que devia; não só a um, mas a todos os taberneiros do sítio. Todavia, certamente por não lhe ocorrer outra saída, era esta que lhe parecia melhor e invariavelmente repetia, em resposta às censuras dos vizinhos, exactamente como o sujeito que, possuindo apenas uma moeda falsa, sempre que tem de fazer qualquer pagamento, a apresenta como **por acaso**.

Hilário era uma espécie de animal solitário, prós-

ao mundo por certas necessidades, e à sociedade por uns tantos parentes muito afastados, muito indiferentes e isentos da preocupação de cumprir imaginários deveres do sangue. Vestia o que lhe davam — em geral roupas de defuntos abastados — e comia o que encontrava à mão, fazia alguns recados, se disso o encarregavam, e embriagava-se com o vinho que o engenheiro próprio ou a estranha generosidade dos outros lhe proporcionava. Para dormir escolhera o barracão dum toca olaria, onde assim fazia as vezes de guarda de noite.

Em frente da porta da olaria branquejava à noite o muro do cemitério, e como pelo temor do mole, que o próprio moleo multiplicado por si mesmo, todos se recusavam a fazer a sentinela noturna, o Hilário encarregava-se gratuitamente daquela vigilância, mas roncando como um bema venturado à beira do forno durante o inverno, e ao relento junto ao poço, no lugar onde se fabricavam os tijolos, nas noites do estio. Mais de uma vez entraram a cabeça no barro em busca de frescura, aparecendo na manhã seguinte com a barba e os cabelos empastados e largas manchas de lodo na cara, que, diga-se em abono da verdade, não havia memória de que houvesse sido devidamente lavada senão uma vez em que o Hilário escoregou e caiu na ribeira, pelo que esteve em risco de morrer agarrado a um tronco de salgueiro, que foi a sua salvação.

Os espirituosos do lugar haviam, com estranho critério, incluído o Hilário na lista dos animais inúteis, e, assim, até nas horas de recreio em que rapazes e raparigas se divertiam e aguçavam o ingenho em jogos de

prentas e adivinhas, era sempre aparecer sempre a pergunta: — «Para que nasceu Hilário?» — entre outras tais como: — «Para que servem as moscas?» ou «Para que fez Deus os aranhões?»

Hilário, por sua parte, tinha também a ideia confusa de que devia ter nascido para alguma coisa... mas, ou não se havia ainda apresentado para isso ocasião, ou verdadeiramente o seu destino era apenas aquele de beber o que podia alcançar e dormir na olaria. Nem mesmo a proximidade dos mortos lhe perturbava o ânimo como a mais leve sombra de inquietação.

Dizia algumas vezes, quando a brancura dos muros vizinhos: —

— Afinal eles sobem, **escarrancham-se** lá em cima, e acabam por tombarem para ali... É e que depois já não dizem que sim... e mais que também!

Não ia mais longe a sua filosofia. Queria ele dizer que, na vida, os homens proaram empolcar-se no alto, tornando-se feraz de orgulho, de ambição, de ousadia, para depois no cemitério, na imensa tranquilidade daquelas noites estreladas, os pobres-diabos não torem fúquia para dizer isto ou aquilo, absolutamente nada... Não eram mais do que terra própria para fabricar telhas e tijolos.

E o Hilário achava neste contraste um fundo de suprema justiça, de tão inexorável igualdade, que, embora confuso, merecia o seu aplauso.

— Su, afinal, todos **sems** iguais, para que há-de a gente ralar-se?

E sentia pelo géner humano um afecto inalterável, demonstrado na mais tranquila indiferença. Acreditava positivamente que os homens seriam bons, ou pelo menos melhores, se não se intromettessem uns nos negócios dos

outros. Por isso era sabido que jámais o Hilário disse mal de quem quer que fosse, assim como nunca se atreveu a apreciar, para mal ou para bem, os actos dos seus contemporâneos.

A noite conservava-se na taberna até que o atrassem porta fora para debaixo dos álamos. Estava até convencido de que esse empurrão era uma fórmula imprescindível. E se ao sair, cheio de vinho como um odre — pois sempre havia boas almas que lho pagavam — ouvia o remoço angelical da filha do taberneiro, primoroso rebento de sete anos, que com a sua vozita aflautada o despedia, gritando: — «Aleus, Hilário feio!»... Eh! borraçhão!... o pobre homem sentia como que uma frescura celestial a aproximá-lo das cousas ternas e inefáveis que por certo deviam existir no mundo... Encontrava-se então mais unido à humanidade, parecia-lhe sentir o latir dum alma imensa que lhe enchia todo o ser.

Chegou enfim o dia em que os humoristas puderam certificarem-se de que para alguma coisa havia nascido o Hilário.

Naquela tarde estava ele na taberna esgotando copo sobre copo. Julgava-se rico e derreteria o seu caudal de quatro escudos adquirido conscienciosamente na limpeza e descarga dum celeiro. Bebia pausadamente, com a solenidade silenciosa dum Baco profissional. Na praça os álamos agitavam-se rumorosos; os raios do sol, a despedirse, douravam froucamente as copas frondosas; da fonte abundantíssima erguia-se como que uma névoa fresca e um murmurio musical, rítmico, de puras e misteriosas harmonias. De mistura com estes deliciosos rumores, destacava-se, entre o arvoredado, o oíro infantil das crian-

ças saídas da escola, que, cantando e gritando, se movimentavam alegres como aves fugidas da gaiola.

Mas então, das ruas tortuosas que desembocam na praça vem um alarido de gente assustada; dos portais saem criaturas a voceferar, a gesticular, como se as «medrontasse um perigo iminente. De súbito ouve-se um tiro, logo seguido de outro, e, por entre a confusão que alarua toda aquela gente, surge um cão grande e negro, ferido e ensanguentado, com o pelo eriçado ferozmente e deixando cair da boca fios viscosos de baba da hidrofobia. Para debaixo dos álamos da praça, e, naquela sombra «repuscular, os olhos do animal brilham como luzes azuladas e tremendas. As crianças, chamadas em alta grita pelas mãis aterrizadas, fogem em todas as direcções buscando refúgio. Só a filha do taberneiro, empurrada pelos outros, perde o equilíbrio e cai no solo a esperar e sem forças para erguer-se.

O cão danado toma então, em febril corrida, a di-

## Nova Padaria Taboense

DE

### ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições hygienicas

R. dos Mercês, 118 120 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz  
TELEF. 81656 — AJUDA — LISBOA

(Conclue na página 7)

(Continua na página 7)

(Continua na página 7)

## Favorita Ajudense

DE

### J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanoqueiro, Retrozeiro, Rouparia e Gratalaria  
Artigos Escolares — Material electrico  
GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO  
167, Calçada da Ajuda, 169  
TELEFONE 81456



# CASA BELMIRA

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRIANÇAS,  
— A PREÇOS BÀRATÍSSIMOS —

Tinge e transforma. Tem sempre as últimas novidades. Aplicações nacionais e estrangeiras  
Grande sortido em feltros e boinas

Rua Coronel Pereira da Silva, 15 (Bairro Económico da Ajuda)

nimo porque às vezes supõe que fraquejo; de censura porque pretende de mim maior energia, maior incitamento!

Mas não desfaleço! Enquanto não demonstrar à tua alma transviada todos os horrores duma vida miserável, tôdas as vilanias que o teu cérebro inventa, tudo enfim quanto é vil, eu não descansarei, cego e descrente!

*Manuel Marques Gastão.*

## Duas páginas do meu caderno

(Continuado da página 4)

conversa amena e ouvir-lhes as aspirações simples tôdas elas.

Há dias, ia a subir a Avenida, distraidamente, quando os meus olhos chocaram com o porte donairoso duma loira que me não era desconhecida.

Fixei mais. Mergulhei os meus olhos nos dela, que ela nem tentou desviar; reconheci-os: eram os de Rosinha.

Era ela que estava na minha frente, com um elegante casaco de peles, cuja gola alta lhe ocultava parte do rosto.

Falei-lhe, perguntei-lhe cousas... Conversa de cinco minutos que chega para decifrar uma vida inteira.

E a Rosinha, nervosamente, os olhos pisados a quererem ocultar uma lágrima — de quê? de saudade? de arrependimento? não sei bem; uma lágrima que nós temos sempre para derramar quando o destino nos lança no turbilhão da desgraça — despediu-se de mim simultando um sorriso.

Oh! Rosinha! Rosinha! como eu vi no amargor dêsse sorriso as agruras de toda a tua alma esfacelada.

*Manuel Martinho.*

## RELOGIOS

de pulso, de algibeira e de parede

Vendas em prestações semanais  
de 5\$00 com bonus

PRÉMIOS TODAS AS SEMANAS

Inscreeva-se desde já na

RELOJOARIA

DE

**Albano Machado**

C. da Ajuda, 162 - Telef. 81 236

LISBOA

## Excursão

A realizar em 11, 12 e 13 de Julho  
de 1937, promovida pelo nosso  
quinzenário, visitando:

Vila Franca de Xira, Santarém, Torres Novas, Abrantes, Castelo Branco, Covilhã, Manteigas, Gouveia, Seia, Oliveira do Hospital, Santa Comba Dão, Luso, Buçaco, Penacova, Coimbra, Lousã, Pedrogão Grande, Tomar, Fátima, Batalha, Alcobaça, Nazaré, S. Martinho do Porto, Caldas da Rainha, Praia de Santa Cruz e Mafra.

Peça um prospecto explicativo e faça a sua inscrição, que se encontra desde já aberta, na

**Gráfica Ajudense, Limitada**

Caçada da Ajuda 176 Telefone 81757

## A casa dos sonhos meus

Aquela aldeia distante  
Onde o meu sonho vegeta,  
E' alegre, rutilante,  
E por isso a mais dilecta.

Fica no cume dum monte,  
A casinha onde resido.  
Muito perto há uma fonte,  
Cantando um hino perdido.

Em baixo, numa vereda,  
Caminha a serpentear,  
Um ribeiro que na queda,  
Me parece murmurar:

«Vejo-te imersa em tristeza,  
Que não posso definir...  
Pois nem mesmo a Natureza  
A consegue diluir.

Mas porque foges então,  
Do bulício da alegria?  
Terás tu um coração  
Que condene a fantasia?»

A's vezes quedo a ouvir,  
Uma criança que chora...  
E a quem não há-de iludir  
O gemido duma nora!...

Já de tarde ao pôr do sol,  
Quando atraz das penedias,  
Se divisa o arrebol...  
Soando as Avé-Marias,

Depois à luz do luar,  
As baladas do pastor,  
Chegam quasi a propagar  
Quentes aromas de amor.

Eis porque tenho amizade,  
A' casa dos sonhos meus...  
E' que ali, na soledade,  
Sinto a essência de Deus.

*Maria Pia Mimoso Ruiz.*

## As lojas do Bairro

Ora até que enfim! Vão ser alugadas e portanto ocupadas, as lojas da Travessa da Boa Hora, que são pertença do Bairro das Casas Económicas. Já não era sem tempo.

Segundo o anúncio publicado no «Diário do Governo» do dia 12 do corrente, recebem-se propostas, até às 17 horas do dia 13 do próximo mês de Dezembro, na Secção das Casas Económicas do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, ao Terreiro do Paço, tendo por base d'arrendamento 180\$00 para as lojas n.ºs 30, 32, 54 e 56, e 150\$00 para todas as outras.

Depois só falta pôr o lavadouro em execução, e reparar o pavimento da dita Travessa, para se completar aquela obra.

## Jardim de Infância da Ajuda

Mapa de movimento na barraca de venda de rifas na Verbena da Memória, desde 23 de Junho a 6 de Agosto do corrente ano:

### RECEITA

Venda total de rifas.....	1.781\$85
Donativos:	
D. José Mateus de Mendia 20\$00	
Instituto Pasteur.....	10\$00
Chefe da Estação Telefónica da Ajuda .....	2\$00
D. Alcina Amaral da Silva	10\$00
Anónima.....	10\$00
Anónima.....	1\$50
	53\$50
Total.....	1.834\$85

### DESPEZA

163 estampilhas a \$15.....	24\$45
500 circulares .....	22\$50
15.200 rectangulos para rifas...	22\$80
6 m de flanela grenat a 2\$70...	16\$50
Pregos .....	\$70
Artigos diversos para serem rifados	389\$50
Transportes diversos .....	25\$00
Armação, limp. e outros trabalhos	77\$50
	578\$65

Saldo depositado na Caixa Geral dos Depósitos-Secção de Belém	1.256\$20
Total.....	1.834\$85

Os documentos relativos a estas despesas podem ser consultados por quem o desejar.

A tesoureira, *Rita Palma Mendes.*

## Clínica Dentária da Ajuda

C. da Ajuda, 183, 2.º-Esq.

Consultas das 10 às 12

e das 14 às 19 horas

Prótese em ouro e vulcanite pelos  
mais modernos processos

PREÇOS MÔDICOS



**Santos & Brandão****CONSTRUCTORES****Serralharia \*\* Forjas \*\* Caldeiraria  
Soldadura a autogénio****Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)**

TELEFONE 81207

**Farmácia Mendes Gomes**

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Dnimo

**CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.**VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 17 horas  
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas  
ALVES PEREIRA — 4<sup>as</sup> feiras ás 9 h.**Serviço nocturno às sextas-feiras****Calçada da Ajuda 222 — LISBOA — Telef. 81456****COMO S. LOURENÇO**

(Continuado da página 5)

recção contrária àquella vulto que estrebucha a chorar; mas, ao aproximar-se da fonte, a humidade, o som da água caem lo na bacia do tanque, e principalmente o brilho da que sai como fita luminosa, da bica de ferro, detém-no convulso; os dentes do animal entrechocam-se, ao mesmo tempo que o corpo se lhe contrai à maneira do tigre que prepara o salto; como se atravessasse um momento de agonia e de infinita dor, ainda mais se lhe avoluma nos queixos a baba fatal, e, fugindo àquella angustiosa visão da água corrente, volta presto pelo caminho percorrido, zongado, eruel, espantoso, impellido por todas as implacáveis ânsias do furor e da morte.

Então, sim, vê a curta distância aquelle vulto infantil que diligencia fugir... exacerbando se-lhe a raiva bárbara que o domina, corre veloz para a criancinha... Entre ela e o cão, porém, aparece um homem empunhando um machado, sereno, andaz, com uma fria arrogância em que se revela firme e resoluta a vontade do Destino.

Foi breve a luta. O cão morden e lacerou a carne do homem; este fendeu o lombo do animal, estendeu-o a seus pés, palpitante, agonizante, coberto de sangue e baba venenosa... E os que assistiram à estranha cena disseram que aquelle Hilário heroico e salvador, com a carne sangrando e um pé sobre a cabeça do animalito estendido à sombra dos rumorosos álamos da praça, era verdadeiramente uma figura épica, grandiosa, para todos desconhecida.

Quando voltou à taberna, a fim de restituir o machado de que se apoderara, todos o cumularam de elogios e felicitações. Ensinaram-lhe para as feridas mil remédios caseiros... mas ele só do vinho confiava a cura dos seus males. E quando já noite alta, cansado de ser o *homem do dia*, com passo incerto se dirigiu para a sua pobre morada, teve a dita inesperada, a imensa alegria de ouvir a filha do taberneiro gritar-lhe, como de costume: «Adeus Hilário feio! Eh! borrachão!» E todo o íntimo do Hilário estremeceu de enternecimento.

Chegou ao barracão quando um enorme vendaval estalava com fúria. Relâmpagos, trovões, um copioso aguaceiro que terminou em granizo... As telhas e os tejos deformavam-se e perdia-se aquella riqueza assim exposta ao mau tempo! E como um frio mortal e penetrante lhe fizesse tremer os membros, o Hilário procurou refúgio e abrigo no forno grande, desocupado desde a véspera, mas ainda com o calor sufficiente para assar a carne mais dura.

Ali se deitou para dormir... e morreu assado, no fatal conchêgo de tejos fumegantes, e na suprema inconsciência dum fardo humano, repleto de vinho e hidrofobia.

Quando, na manhã seguinte, os operarios estupefactos o arrancaram da superfície ainda escaldante, ao mudar-lhe a posição verificaram que o infeliz tinha as carnes queimadas.

— Desgraçado! — diziam as mulheres — aí está para que nasceu: para morrer como S. Lourenço, depois de ter vivido como um tonel!

Den-lhe um certo prestigio o facto de morrer como S. Lourenço!... Coitado!... O seu entêrro foi, afinal, questão apenas de quatro passos. E ali ficou sem dizer isto, nem aquilo... à espera de que as suas cinzas sirvam um dia para fabricar telhas e tejos!

**A POESIA**

A poesia é uma fada maravilhosa! Reveste tôdas as formas e exprime todos os sentimentos.

Ao misterioso condão da sua varinha mágica transformam-se-lhe de súbito as roupagens, já singelas já magníficas. Folga nos campos, brilha nas cidades, tropeja sobre os crimes dos déspotas, canta na infância das nações, pranteia ao esfacelar dos povos.

Conta-nos em melopéa cadente as tradições do passado, remonta-se aos ares e acenando-nos com seu manto verde, aponta-nos as regiões do futuro.

Umaz vezes é linda zagala correndo descuidada por montes e veigas. Tropa alcantis, salta valados desce à devesa, oscuta o doce trinar dos passarinhos e o mugir do rebanho, brinca com o cordeiro, colhe o malmequer silvestre, mira-se na corrente, reclina-se na relva e, afagada pelos zéfiros, adormece por fim sobre cabeçal de flores. E' a poesia *campestre* ou *pastoril*.

Outras vezes é valida amazona, cheia de magestade e beleza, em carro aéreo; numa das mãos os fastos dos povos, na outra a tuba sonora, cantando amores, guerras e feitos, o levando aos confins da terra os nomes dos herois. E' a poesia *épica*.

Virgem de faces pálidas e maceradas, ei-la agora derramando prantos sobre a pedra dum túmulo. E' a *elegiaca*.

Com os cabelos em desalinho, vê-mo-la depois donzela de formosura

celeste soltar ao vento o canto mavioso, desfêr de lira sons divinais. Arrebatase nos louvores do Eterno, e logo com voz débil ei-la a gemer queixas, suspirando amores... Leva a mão ao peito, solta um grito, arroja-se aos astros com olhos chamejantes... e baixa à terra debulhada em lágrimas! E' a poesia *lírica*.

Matrona de rosto amável, já grave, já risonho, põe-se a instruir, a descrever e a ensinar com deleitosa candura. E' a *didáctica*.

Correndo espavorida, cabelos soltos ao vento, vem contar-nos horrores e desgraças, que nos arrancam lágrimas. E' a poesia *trágica*.

Convertendo-se de repente em rapariguita travessa, de olhar malicioso, com chistes e ademanos engraçados, faz-nos rir a bandeiras despregadas. E' a poesia *cômica*.

Criança traquinas, aperreando um velho, faz travessuras, solta risadas com cambiantes de inocência e malícia. E' a *epigramática*.

E logo mais severa, tomando semblantes austero, ei-la, a castigar vícios, a corrigir defeitos. E' a *satírica*.

Não raro procura arremedá-la uma bruxa de cara hedionda, cõr esverdeada, olhos encovados, dentes lúridos, enxovalhando com baba pestilenta tudo quanto toca. As vestes que roubou à fada, não conseguem encobrir-lhe a fealdade de bruxa. O que naquella é graciosa, nesta são esgares. Não é poesia. E' caluniosa inveja ou sátira desbragada.

Armando Marques Pereira.

**Farmácia Souza**

Calçada da Ajuda, 170 ■ LISBOA ■ Telefone 81 329

CONSULTAS DIARIAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.**Carrilho Xavier**Doenças das senhoras  
Clínica geral e partos  
às 11 horas**Medina de Souza**Interno dos hospitais  
das 18 ás 19,30 horas  
Coração e pulmões — Clínica g ral**VIRGINIA DE SOUSA**Parteira pela Escola Médico-Cirurgica de Lisboa  
Chamadas urgentes a qualquer hora, nesta farmácia*A manipulação escrupulosamente cuidada de todo o receituário aviado  
nesta farmácia, pode ser atestada por todos os médicos*

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS AS ASSOCIAÇÕES DE SOC MÚTUOS



# AS CHAPAS ONDULADAS LUSALITE

são a solução dos felhados

Chapas lisas para tectos e divisorias — Tubagens e depósitos para água

PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.<sup>DA</sup>

Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA — Telefones: 23948 - 28941

## A NOSSA POSIÇÃO

(Continuado da 1.<sup>a</sup> página)

Na parte literária muitos colaboradores tem tido o *Comércio da Ajuda*, e alguns de incontestável valia. Pois sentimos a gratíssima satisfação de atestar que todos, absolutamente todos, integrados perfeitamente na índole e na orientação independente do jornal para que se dignam escrever, nem uma só vez nos enviaram trabalho que pudesse ser qualificado de ofensivo para alguém, ou de tendencioso em qualquer matéria política ou religiosa.

E tanto assim é que entre aqueles a quem actualmente devemos a gentileza de ilustrarem com brilho invulgar as páginas do nosso modesto quinzenário, contamos um dos mais evidentes caudilhos na evangelização dos doutrinas em que se firma o Estado Novo, e que não desdenhou enfileirar ao lado dos nossos antigos colaboradores com artigos que, não sendo de propaganda, são contudo do mais puro nacionalismo.

Tem assim vivido considerado e acarinhado pelos moradores da Ajuda o jornal que estes consideram como verdadeiro baluarte dos seus interesses, e que desde o primeiro dia tem conseguido conservar-se alheio a tódas as intrigas, a tódas as dissidências, a tódas as inimizades ou partidarismos, na consciência perfeita de que é por esta maneira que não desvirtua as palavras do seu primeiro número e cumpre rigorosamente o programa de que não pode nem deve afastar-se.

E' mantendo esta posição que temos a certeza de conservarmos a amizade e o apoio de todos os ajudenses.

Podemos falar d'este modo porque há seis anos que, por assim dizer, auscultamos o coração d'este bom povo e sabemos com que entranhado affecto elle considera e ama a bandeira que arvorámos, bandeira branca de paz e concórdia, e em cujo lema

apenas descobre palavras de esperança de melhores dias para a terra onde trabalha ou em que nasceu.

E' crença nossa de que não temos aqui inimigos; mas se algum ódio injustificado, ou qualquer cegueira facciosa se erguesse para nos impedir o caminho que com honra trilhamos, o *Comércio da Ajuda* cairia gloriosamente envolto nessa bandeira que arvorou e conserva sem mancha, ficando imorredoura na história do bairro da Ajuda a memória da sua acção benemerente, a par dum brado de execração a fustigar a lembrança dos que cavando-lhe a ruína, provocassem a morte de quem, com sacrificio próprio lhes procurava alcançar a prosperidade e o bem-estar.

Mas não; a Ajuda é uma parte da cidade de Lisboa, é um rincão de Portugal, d'este Portugal que foi grande, e acreditamos maior será ainda, e por certo na alma de todos os seus moradores existe firme e sagrado o culto da verdade e da justiça e arde a chama do patriotismo que aquece e vivifica os portugueses verdadeiros amigos da sua terra.

E se uma política nos anima e incita, se um ideal norteia o *Comércio da Ajuda*, outro não é senão o generoso e sacratíssimo ideal de ver todos os ajudenses ligados por um laço de amor verdadeiro que os estreita cada vez mais na única aspiração de conseguir para o seu bairro as reivindicações a que tem incontestável direito, e dando assim um exemplo fecundo de solidariedade, digno de ser imitado por tódas as populações desta amada Pátria que também tantas lições de patriotismo e nobre independência, em todos os tempos tem dado ao mundo inteiro.

Bilhetes de visita desde 4\$00 o cento

Bilhetes postais ilustrados desde \$50

C. da Ajuda, 176 — Telef. 81 757

## José Joaquim Lopes

Com a idade de 73 anos, faleceu ontem o sr. José Joaquim Lopes, antigo conceituado comerciante da praça de Lisboa, onde gosava as maiores simpatias. Era pai das sr.<sup>as</sup> D. Maria Helena Lopes de Sousa e D. Maria Luiza Lopes Marques e sógro dos nossos amigos srs. Carlos de Sousa, e Capitão Joaquim Gomes Marques, nossos prezados anunciantes.

A tódá a família enlutada, apresenta «O Comércio da Ajuda», sentidas condolências.

## Engenheiro Gomes Marques

Trabalhos de construção civil  
Cimento armado

Projectos, orçamentos e direcção  
técnica de trabalhos

Calçada da Ajuda, 145

Telef. 81010

## GEWIROL

é a marca da magnífica máquina  
fotográfica que a

Gráfica Ajudense, L.<sup>da</sup>

Calçada da Ajuda, 176, vende em  
prestações de 7\$50 semanais  
com bonus

Vendem-se películas e outros artigos  
fotográficos e aceitam-se trabalhos  
de amadores